



# CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344

I

# TÁBUA DAS MATÉRIAS

	Pág.
PREFACIO . . . . .	XVII
INTRODUÇÃO — Primeira Parte . . . . .	XXI
I. A <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i>	
Identificação da <i>Crónica</i> e estudos sobre os manuscritos portugueses . . . . .	XXIII
Redacções da <i>Crónica de 1344</i> . . . . .	XXIX
A primeira redacção da <i>Crónica</i> . . . . .	XXXI
A segunda redacção . . . . .	XXXVI
Data das redacções . . . . .	XXXIX
O manuscrito de Paris . . . . .	XLI
Origem da <i>Crónica de 1344</i> . . . . .	XLII

	Pág.	
<b>II. Origem portuguesa da <i>Crónica de 1344</i></b>		
Antecedentes . . . . .	XLV	
Método . . . . .	XLVI	
A <i>Crónica do Mouro Rasis</i> . . . . .	LI	
A segunda redacção da <i>Crónica</i> . . . . .	LXIV	
A primeira redacção . . . . .	LXXVI	
Argumentos de carácter histórico-literário . . . . .	LXXXVIII	
<b>III. A <i>Crónica de 1344</i> e o <i>Livro das Linhagens</i> do Conde D. Pedro</b>		
Relações entre a <i>Crónica</i> e o <i>Livro das Linhagens</i> . . .	XCV	
Coincidências textuais:		
1) Derivações do <i>Liber Regum</i> . . . . .	XCVIII	
2) Derivação de uma fonte arturiana . . . . .	CV	
3) Derivações da <i>Crónica de Castela</i> . . . . .	CVII	
Primeiras conclusões . . . . .	CXII	
Coincidências não-textuais:		
1) Derivação de um <i>Cantar dos Infantes de Lara</i> .	CXIII	
2) Derivações da <i>Crónica de Castela</i> . . . . .	CXVI	
Concordâncias entre o <i>Livro das Linhagens</i> e a <i>Crónica</i> não explicáveis através da utilização de fontes comuns conhecidas . . . . .		CXX
Conclusões . . . . .	CXXIV	

IV. O Conde D. Pedro de Barcelos, autor da *Crónica de 1344*?

Hipóteses sobre a autoria da <i>Crónica</i> . . . . .	CXXVII
A vida do Conde D. Pedro . . . . .	CXXX
Actividade literária do Conde D. Pedro . . . . .	CLXX
Conclusões . . . . .	CLXXXIX

V. A *Crónica de 1344* e a historiografia castelhana dos séculos XIII-XIV

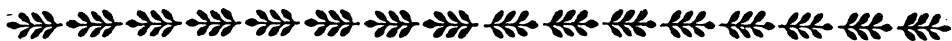
Estado actual dos estudos sobre as <i>Crónicas Gerais</i> . .	CXCI
Revisão do problema . . . . .	CCVIII
A <i>Terceira Parte</i> das <i>Crónicas Gerais</i> . . . . .	CCIX
A <i>Quarta Parte</i> . . . . .	CCXXX
A <i>Crónica de Castela</i> e a <i>Crónica de 1344</i> . . . . .	CCXLV
A <i>Crónica de Vinte Reis</i> . . . . .	CCLXIII
A <i>Crónica de Vinte Reis</i> e a <i>Crónica de 1344</i> . . . . .	CCXCII
A <i>Crónica Particular do Cid</i> . . . . .	CCXCVIII
A <i>Terceira Crónica Geral</i> . . . . .	CCCI
A <i>Quarta Crónica Geral</i> . . . . .	CCCIX
Conclusões . . . . .	CCCXI

VI. A *Crónica de 1344* e as origens da historiografia portuguesaFontes portuguesas da *Crónica* sobre história geral:

A) Tradução galego-portuguesa da <i>Variante Ampliada</i> . . . . .	CCCXVII
B) A <i>Crónica do Mouro Rasis</i> . . . . .	CCCXXX
A <i>Crónica de 1344</i> e outras histórias portuguesas dos primeiros reis de Portugal . . . . .	CCCLI

	Pág.
A III.ª Crónica Breve . . . . .	CCCLV
A IV.ª Crónica Breve e o Livro das Linhagens . . . . .	CCCLVI
A história dos reis de Portugal em <i>Crónicas Gerais</i> anteriores à de 1344 . . . . .	CCCLVII
A) <i>Rodrigo de Toledo e Lucas de Tui</i> . . . . .	CCCLVIII
B) <i>A Primeira Crónica Geral</i> . . . . .	CCCLX
C) <i>A Variante Ampliada da Primeira Crónica Geral</i> . . . . .	CCCLXI
D) <i>A Crónica de Vinte Reis</i> . . . . .	CCCLXII
A IV.ª Crónica Breve . . . . .	CCCLXXII
O Livro das Linhagens . . . . .	CCCLXXVI
A Crónica de 1344 . . . . .	CCCLXXX
IV.ª Crónica Breve, Livro das Linhagens, Crónica de 1344 . . . . .	CCCXCIX
A Crónica de Portugal . . . . .	CDII
Origens da historiografia portuguesa . . . . .	CDXII
 Apêndices . . . . .	 CDXXI
Ao capítulo II . . . . .	CDXXIII
Ao capítulo III . . . . .	CDXXV
Ao capítulo V . . . . .	CDXXXVI
Ao capítulo VI . . . . .	CDLXVII

	Pág.
INTRODUÇÃO — Segunda Parte . . . . .	CDLXXXVII
Manuscritos da <i>Crónica de 1344</i> . . . . .	CDLXXXIX
A <i>primeira redacção</i> . . . . .	CDXC
A <i>segunda redacção</i> . . . . .	CDXCIII
Relações entre os manuscritos da <i>Segunda Redacção</i> . .	DXXV
Relações dos manuscritos castelhanos entre si e com os portugueses. . . . .	DXXXII
O fragmento português <i>C</i> . . . . .	DXXXVI
A edição . . . . .	DXL
Correcções e aparato crítico . . . . .	DXLII
Normas de transcrição . . . . .	DXLV
 Bibliografia . . . . .	 DXLVII
Índice . . . . .	DLXXIII



## PREFÁCIO

*N*O momento em que escrevo estas linhas cumprem-se precisamente cinco anos sobre aquele em que, pela primeira vez, folheei o códice iluminado da Crónica Geral de Espanha conservado na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Longe estava eu então de suspeitar as surpresas que me reservava o estudo detido do extenso texto. Pensava encará-lo exclusiva ou quase exclusivamente como documento linguístico; o seu interesse histórico-cultural e literário havia de manifestar-se-me pouco a pouco e acabaria por impor-me como mais urgente a tarefa de o revelar, levando-me a deixar provisoriamente de parte o projectado e não menos importante comentário linguístico do texto. Se para tanto me der Deus coragem e persistência, a ele me entregarei, uma vez publicada a edição da Crónica. A presente obra não ficará completa enquanto aos volumes que vão agora aparecer se não juntarem os do glossário e gramática.

Meditando sobre o trabalho que neste momento apresento, sinto-me consciente das suas limitações. A Introdução que se vai ler é um estudo de história da cultura literária, não um estudo de história da literatura. Prepara este último mas não entra pelos seus domínios. Era necessário começar pelo primeiro, esclarecer os «arredores» da Crónica antes de analisar o seu interior. Sem se saber se se tratava de um original ou de uma tradução, se cada parte do texto era transcrição de uma obra anterior ou obra original do cronista, sem, numa palavra, identificar, caracterizar e situar a Crónica, era impossível

*realizar sèriamente a sua valorização como obra de arte. Neste trabalho preparatório me detive. Procurei realizá-lo com minúcia e cuidado: aqui exponho a série de conclusões a que me foi possível chegar. Trata-se apenas, na maioria dos casos, de hipóteses que me parecem extremamente prováveis. Mas, neste campo, à formulação e justificação de hipóteses nos temos em geral de reduzir.*

*Não empreendi o estudo literário do texto. Não me chegou até agora o tempo para tanto. Tornada acessível a Crónica pela sua publicação, preparado o terreno pela Introdução, outros e eu próprio o poderemos empreender. Creio que a Crónica Geral de Espanha merece uma análise deste tipo. Embora na sua maior parte simples compilação e arranjo de obras anteriores — assim a apresentará a Introdução —, mais interessante à primeira vista para a história da cultura do que para a da literatura, ela é contudo um dos mais extensos entre os primeiros ensaios da prosa portuguesa. Refundindo a prosa castelhana de Afonso X, o autor da Crónica Geral de 1344 foi levado a imitá-lo na adaptação do romance português à expressão prosaica das mais diversas situações.*

*Não me parece possível chegar à definição do estilo do autor da Crónica de 1344, como impossível é apontar o estilo de Afonso X na Primeira Crónica Geral. O que está numa obra como noutra é o resultado do esforço — cuja magnitude mal sabemos hoje avaliar — de transpor para a prosa vulgar os mais variados estilos: o épico de Lucano, o histórico de Suetónio, o sério e enérgico dos historiadores latino-medievais Rodrigo de Toledo e Lucas de Tui, o colorido e pormenorizado dos historiadores árabes, as vigorosas e vivas narrações das gestas. Mas foi neste exercício estilístico que a língua portuguesa se preparou para ser manejada pela pena de Fernão Lopes.*

*Na edição, que me ocupou a maior parte destes anos, procuro reconstituir o texto primitivo da segunda redacção da Crónica, de fins do século XIV. Com os manuscritos até agora descobertos, é impossível chegar à reconstituição do texto de 1344. Baseei-me no melhor dos manuscritos portugueses conhecidos — o da Academia das Ciências de Lisboa —, que transcrevi no Inverno de 1946-1947. Confrontei-o na íntegra com o único outro manuscrito português quatrocentista — o da Biblioteca Nacional de Paris —, de que obtive*



*uma reprodução fotográfica completa. Em 1947, subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, parti para Madrid, onde trabalhei até fins de 1950. Confrontei ali os manuscritos portugueses com os códices castelhanos tanto da primeira como da segunda redacção. Esta série de confrontos permitiu-me corrigir o texto de Lisboa de modo a aproximá-lo do original comum. Só o fiz quando a correcção se impunha em vista das variantes e das fontes. Em nota justifiquei cuidadosamente cada alteração. Aspirando a dar a conhecer o mais completamente possível a versão do manuscrito de Paris, registei todas as variantes, mesmo as de menor importância. Outros pormenores sobre a forma como foi feita a edição se poderão encontrar na segunda parte da Introdução.*

*Resta-me manifestar aqui a minha gratidão a quantos de perto ou de longe tornaram possível a realização e a publicação desta obra. Desejaria não omitir ninguém; mas foram tantos aqueles que de qualquer modo me auxiliaram que receio não o poder fazer.*

*Em primeiro lugar, mencionarei o grande Mestre cujas obras e cujo exemplo estão na base de cada uma das páginas deste trabalho: D. Ramón Menéndez Pidal. Na sua casa de Chamartín, me acolheu D. Ramón em 1947 com atenção e simpatia. Durante três anos acompanhou o meu esforço com os seus conselhos preciosos, facilitou-me elementos de trabalho, cópias de manuscritos, livros, os seus próprios apontamentos, soube comunicar-me o entusiasmo com que, por 1890, ele próprio se lançou ao estudo das Crónicas castelhanas. Sem a sua obra e sem o seu auxílio nunca este livro teria chegado a existir.*

*Ao Instituto para a Alta Cultura devo as condições materiais que me permitiram a realização do trabalho: a concessão de uma bolsa de estudo no País em 1947, a de uma bolsa de estudo no estrangeiro de 1947 a 1950, de outra bolsa no País em 1951, de subsídios para a obtenção de fotografias de manuscritos. Desejo agradecer em especial ao Prof. Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, Presidente do Instituto e ao Secretário do mesmo, Dr. A. de Medeiros Gouveia, a atenção que dedicaram ao curso dos meus trabalhos e os constantes incentivos com que os acompanharam.*

*Ao Prof. Dr. Hernâni Cidade não poderei nunca agradecer como devo*

*a amizade sempre viva que lhe tem ditado as palavras de estímulo e as indicações com que vem orientando há muitos anos os meus trabalhos. Ao Prof. Dr. Vitorino Nemésio, as suas interessantes sugestões e os seus conselhos amigos.*

*A Academia Portuguesa da História, ao aceitar a obra para a incluir entre as suas publicações, tornou possível a edição que só muito dificilmente de outro modo poderia ter chegado a aparecer. Aqui lhe expresso o meu agradecimento. Em especial mencionarei o seu Presidente, Prof. Dr. José Caeiro da Mata, o seu Vice-Presidente, Prof. Dr. José Maria de Queirós Veloso, e o seu Secretário-Geral, Prof. Dr. Damião Peres, que tão amavelmente me quiseram atender quando se tratou de resolver este problema.*

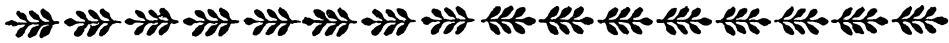
*Lembrarei ainda os nomes do Prof. Dr. Harri Meier, do Dr. João Martins da Silva Marques, do Dr. A. de Magalhães Basto, de Eugénio Asensio, de A. Machado de Faria e os de B. Sánchez Alonso, Manuel Muñoz Cortés, José Gómez Pérez que, os primeiros em Portugal, os segundos em Espanha, de um modo ou de outro facilitaram a realização desta obra.*

*Enfim, que fique aqui consignada a dedicada e constante colaboração de minha Mulher. Sem a sua intervenção nas partes mais pesadas deste trabalho — anotação de variantes, transcrição de textos, revisão de provas —, nunca me teria sido possível levar a cabo a edição.*

*Outubro de 1951.*

# INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE



# I

## A CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344

### IDENTIFICAÇÃO DA CRÓNICA E ESTUDOS SOBRE OS MANUSCRITOS PORTUGUESES

EM 1896, no seu primeiro livro, *La Leyenda de los Infantes de Lara*, deu Menéndez Pidal a conhecer a existência de uma Crónica Geral derivada da de Afonso, o Sábio, que, conforme se diz em certo passo do próprio texto, estava sendo redigida em 1344. Apontou já então o grande medievista alguns dos principais caracteres dessa Crónica. Localizou, descreveu e classificou os manuscritos castelhanos que dela se conservam e editou criticamente a parte do texto que importava ao tema do seu estudo (<sup>1</sup>).

Dois anos depois, no seu Catálogo das Crónicas Gerais de Espanha conservadas na Biblioteca Real de Madrid, descrevia minuciosamente os dois códices da *Crónica* ali guardados, caracterizava mais perfeitamente os textos que

---

(<sup>1</sup>) R. Menéndez Pidal, *La leyenda de los Infantes de Lara*, Madrid, 1896, edição reproduzida fotograficamente, com adições que ocupam as pgs. 451 a 488, como primeiro volume das *Obras de R. Menéndez Pidal* em Madrid, 1934. Referências à *Crónica de 1344* principalmente nas pgs. 21-37, 55-59. Referências a textos dela derivados: pgs. 59-67. Edição do trecho referente aos Infantes: pgs. 249-314. Descrição e classificação dos manuscritos: pgs. 394-404. Arvore genealógica das Crónicas: pg. 414.

além disso numerosas indicações sobre o conteúdo e as fontes da *Crónica*, o problema da sua autoria e a influência desta obra nos autores dos séculos imediatamente posteriores (2). É ainda a Menéndez Pidal que se deve a definitiva classificação dos dois principais manuscritos portugueses da *Crónica Geral de Espanha*: o da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (ms. 1-A, que designo com a sigla *L*) e o da Biblioteca Nacional de Paris (ms. Port. 4, que designo com a letra *P*). Num artigo publicado em 1921, identificou-os como representantes desta mesma *Crónica de 1344*, ligados a uma das famílias de códices espanhóis por ele anteriormente estudadas (3).

Desde o seu redescobrimento e apesar de circunstâncias várias terem demorado até hoje o aparecimento da edição integral do texto castelhano que há muito projectou, prometeu e preparou o ilustre Mestre, o texto da *Crónica de 1344* tem prestado importantes serviços tanto ao seu descobridor como a quantos têm trabalhado sobre a Idade Média peninsular, particularmente sobre a épica medieval e o romanceiro, sobre a historiografia post-afonsina e, dada a especial natureza de uma das suas fontes, sobre a historiografia hispano-árabe do século X.

De redescobrimento se pode com efeito falar. Três séculos esteve a *Crónica* esquecida, confundidos os seus manuscritos com os da *Crónica* de Afonso X e com os, muito mais numerosos, das suas múltiplas e diversíssimas derivações. Só o erudito D. Rafael Floranes, no século XVIII, demonstra, em vários estudos sobre as *Crónicas* de Espanha que nunca chegaram a ser impressos, dela ter tido conhecimento. Tencionava Floranes publicar uma parte da *Crónica*, mas não conseguiu realizar o seu intento (4). No século XIX, Juan Facundo Riaño, que, como tema do seu discurso de entrada na Academia da História, escolheu «La Crónica General de España» e conheceu um dos manuscritos da *Crónica de 1344*, limitou-se a observar a respeito dele que

---

(2) *Catálogo de la Real Biblioteca, tomo I. Manuscritos: Crónicas Generales de España descritas por Ramón Menéndez Pidal*, Madrid, 1898. Segunda edição, 1900. Terceira, «con notables enmiendas, adiciones y mejoras». Madrid, 1918. Citarei sempre esta última edição. Tratam da *Crónica de 1344* as pgs. 45-85. De pgs. 55 a 75, lê-se, extraído do ms. 2-I-2, o trecho da *Crónica do Mouro Rasis* referente a Rodrigo que faltava em manuscritos independentes, anteriormente conhecidos, daquela *Crónica*. Nas pgs. 155-161 estuda-se um manuscrito de uma *Refundição da Crónica de 1344*.

(3) *Sobre la traducción portuguesa de la «Crónica General de España de 1344»*, *RFE*, VIII, 1921, pgs. 391-399.

(4) Menéndez Pidal. *Crónicas Generales* 3, pg. 47.

«concorda com a Geral, embora se notem de vez em quando algumas ligeiras variantes» (5).

Quanto à noção que sobre o conteúdo dos manuscritos portugueses se teve até ao citado artigo de Menéndez Pidal, o próprio título da malograda edição do códice da Biblioteca Nacional de Paris, que, em 1863, pretendeu fazer o conselheiro António Nunes de Carvalho, lente jubilado na Faculdade de Direito pela Universidade de Coimbra, nos indica o que pensava este antigo emigrado liberal do texto que, em 1834, tivera a nobre iniciativa de copiar integralmente em Paris: «Historia Geral de Hespanha composta em castelhano por el-rey de Leão e Castella D. Affonso, o Sabio, trasladada em portuguez por el-rey D. Diniz ou por seu mandado, e continuada na parte que diz respeito a Portugal até ao ano de 1455, no reinado d'el-rey D. Affonso V...». Nunes de Carvalho supunha que se tratava do próprio texto da *Crónica* de Afonso X, continuado em Portugal. E, se nesse ponto se enganava, não andava longe da verdade ao atribuir à continuação a data de 1455. Veremos que o prolongamento da *Crónica* característico do manuscrito de Paris e dos seus derivados foi redigido por volta de 1457. Quanto à hipótese da tradução feita ou mandada fazer por D. Dinis, teremos ocasião de observar a sua origem e os seus pretensos fundamentos (6).

A primeira descrição do outro antigo manuscrito português da *Crónica* deve-se ao anónimo autor do *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca dos Marqueses de Castelo Melhor*, publicado em 1878 (7), antes do leilão desta livraria, em que a Academia das Ciências adquiriu o referido códice. Esse autor baseava-se em comparações, aspirando a dar uma ideia mais rigorosa do conteúdo do manuscrito, e afirmava: «A primeira parte d'esta chronica que chega até à morte de Fernando III, o Santo, corresponde, posto que differente alguma coisa na redacção e divisão dos capítulos, à que anda impressa em hespanhol com o título de — *Las quatro partes enteras de la crónica de España que mandou* (sic) *componer el Sereniss. rey don Alonso llamado el Sabio, etc. Vista y emendada mucha parte de su impresion* (sic) *por el maestro Florian Do-campo. Zamora, 1541, in fol. goth.*» (8). O autor do *Catálogo*, portanto, sem

---

(5) Idem, *ibid.* pg. 47 e *Infantes de Lara*, pg. 56. O título do discurso de J. Facundo Riaño é: *La Crónica General de D. Alfonso el Sabio y los elementos que concurren a la cultura de la época*, Madrid, 1869.

(6) V. adiante, capítulo VI.

(7) *Catálogo dos preciosos manuscritos da Bibliotheca da Casa dos Marqueses de Castello Melhor*, Lisboa, 1878.

(8) *Catálogo*, pg. 3.

deixar de notar as divergências entre os textos, não lhes atribuiu toda a importância devida e supôs que esta crónica era uma simples variante da única Crónica Geral até então publicada, considerada pelo seu editor, Florian de Ocampo, e pela maioria dos seus leitores até aos fins do século XIX, como o verdadeiro texto saído da Câmara de Afonso X. Há muito que Menéndez Pidal demonstrou que a crónica publicada em 1541 não é senão outra refunção da *Crónica afonsina*, tão diversa da *Primeira Crónica Geral* como da de 1344 <sup>(9)</sup>.

No *Catálogo*, aponta-se muito correctamente a origem dos últimos capítulos do manuscrito de Lisboa: esta segunda parte, diz o seu autor, «é a tradução com pouca diferença dos nove primeiros capítulos e do décimo incompleto da chronica do mesmo rei (Afonso X) que foi impressa em hespanhol: — *Chronica del muy esclarecido principe, y rey don Alonso, el qual fue par de emperador, e hizo el libro de las siete partidas. Y ansi mismo al fin deste libro va encorporada la Chronica del rey don Sancho el Bravo, hijo de este rey don Alonso el Sabio*. Valladolid, 1554, in fol. goth.» <sup>(10)</sup>. A citada edição de Valhadolide reproduz as duas primeiras das *Tres Coronicas particulares* dos reis posteriores a Fernando III e anteriores a Afonso XI, mandadas escrever por este último rei a fim de completar a Crónica Geral de seu bisavô <sup>(11)</sup>. Os capítulos referentes a Afonso X do manuscrito *L* (Lisboa) não pertencem com efeito à *Crónica de 1344*, mas sim à primeira destas três crónicas, como o reafirmou Menéndez Pidal no artigo atrás citado <sup>(12)</sup>.

Em 1892, Morel-Fatio, no seu catálogo dos manuscritos espanhóis e portugueses da Biblioteca Nacional de Paris, descreveu cuidadosamente o manuscrito

<sup>(9)</sup> Chamou-lhe *Tercera Crónica General*. V. *Infantes de Lara* <sup>2</sup>, pgs. 55, 67-68 e especialmente 69-70, 404-405, 409-411 e árvore genealógica, pg. 414; *Crónicas Generales* <sup>2</sup>, pgs. 125-133. Sobre a mesma *Crónica*, v. ainda B. Sánchez Alonso, *Historia de la historiografía española* <sup>2</sup>, I. Madrid, 1947, pgs. 232-233, e *Fuentes de la historia española e hispano-americana* <sup>2</sup>, Madrid, 1927, art. 59, pg. 9.

<sup>(10)</sup> *Catálogo*, pg. 3.

<sup>(11)</sup> V. B. Sánchez Alonso, *Historia de la historiografía* <sup>2</sup>, pgs. 223-226, e bibliografia aí indicada, particularmente o artigo de Castro M. del Rivero, *Indice... de las tres Crónicas, Hispania*, II, 1942, pgs. 163-236, 323-406, 557-618 e *Fuentes* <sup>2</sup>, arts. 1307 e 1362, pgs. 107 e 111. Edição moderna na *Biblioteca de Autores Españoles*, LXXVI, onde às tres se juntou a de Afonso XI.

<sup>(12)</sup> *RFE*, VIII, pgs. 394-395.